

- 8 Introdução: revelando o corpo nu
*Alexandra Moreira da Silva, Fernando Matos Oliveira
e Rui Pina Coelho*
-
- 13 PARTE I
**DA EPISTEMOLOGIA DO CORPO NU NAS
ARTES PERFORMATIVAS: A PELE PENSADA**
- 14 A nudez no corpo: efémeras variações fenomenológicas
Luís António Umbelino
- 24 De um ecrã a outro. Algumas notas sobre a nudez cénica
Arnaud Rykner
- 40 A nudez em cena e a violência sobre o corpo:
uma reflexão
Rui Pina Coelho
- 50 Para onde vai o corpo quando a dança acaba?
Uma apologia do adeus
Gustavo Vicente
-
- 63 PARTE II
**DO CORPO NU NAS PRÁTICAS
DRAMATÚRGICAS: A PELE LIDA**
- 64 Nudez na comédia romana? Estudo da desnudação
em dois finais de Plauto
Pierre Letessier
- 76 A construção da nudez no teatro francês dos
séculos XIV e XV
Darwin Smith

- 94 Beckett ou a nudez paradoxal
Catherine Naugrette
- 106 Will you be my sugar mama: O corpo masculino e a nudez
em *The Sugar Mummies*, de Tanika Gupta
Cátia Faísco
-
- 123 PARTE III
**DA NUDEZ NAS PRÁTICAS CÉNICAS:
A PELE VISTA**
- 124 (Des)interpretar a “colónia erótica”, ou os paradoxos
da nudez na espetacularização de África
Sylvie Chalaye
- 138 Desfazer a nudez: o(s) corpo(s) de Phia Ménard
Alexandra Moreira da Silva
- 148 Nudez e ousadia na fotografia portuguesa
de cena (1918-1935)
Paulo Ribeiro Baptista
- 166 Elisabete Mileu e o corpo nu, uma tentativa de tradução
entre a *performance* e o seu registo fotográfico
Cláudia Madeira
- 180 Dançar nu entre dois séculos (XX e XXI):
sobre os vestígios de uma motivação nietzschiana
Roland Huesca
- 190 *Ensaio para Uma Cartografia* (Mónica Calle):
evidências do corpo-arte
Fernando Matos Oliveira
- 202 Notas biográficas dos autores

Introdução: revelando o corpo nu¹

ALEXANDRA MOREIRA DA SILVA,
FERNANDO MATOS OLIVEIRA
E RUI PINA COELHO

1 Este texto recupera parte da estrutura argumentativa de Alexandra Moreira da Silva, “Nudité(s): approches transversales et transhistoriques”, *Registres*, n.º 23 (2022): 16-17.

Avignon, 2005. Recordamos a polémica em torno dos espetáculos *Je suis sang* e *L'histoire des larmes*, do coreógrafo, realizador e artista plástico flamengo Jan Fabre, apresentados na Cour d'Honneur durante a 59ª edição do Festival de Avignon. “Os corpos escorrendo”², *performers* proteiformes e nus, associados imediatamente a um “teatro de imagens” (por oposição a “um teatro de texto”), teriam ofendido certas suscetibilidades e alimentado uma polémica rapidamente designada como a nova “querela dos antigos e dos modernos”.

Terão as formas cénicas na contemporaneidade, fortemente influenciadas por todo o tipo de contributos multidisciplinares – performativos, plásticos, coreográficos, visuais, tecnológicos... –, modificado e transfigurado radicalmente a representação do corpo e da nudez em palco? Esta é, inequivocamente, uma das questões centrais que se perseguem nesta obra.

“A novidade capital”, explica Yves Michaud, “é que, na arte do século XX, o próprio corpo torna-se um suporte artístico; passa do estatuto de *objeto de arte* ao de sujeito ativo e suporte da atividade artística”³. Expressionismo, *body art*, *happenings* ou as ações muito controversas dos ativistas vienenses (em particular, Nitsch, Mulhl, Brus e Swarzkofler), bem como a *arte abjeta* (Witkin, Nebreda...), exibiam frequentemente corpos nus (ou assim percebidos) submetidos a testes extremos, quebrando tabus e produzindo experiências intensas e viscerais para os artistas e para o público. Mais do que perante um corpo deformado ou torturado, estávamos defronte de um corpo transgredido, da presença da substância carnal com todo o tipo de substâncias orgânicas, submetida a uma estética de feridas e cortes, não raras vezes inspirada em rituais ou imagens religiosas, evocando um corpo crístico, adotando procedimentos sacrificiais que procuravam resgatar a experiência autêntica e partilhada que a modernidade vem negando de modo crescente

É claro que a nudez nos palcos dos séculos XX e XXI não é apenas um gesto estético, mas é também um gesto político. O corpo domesticado, o corpo maltratado, o corpo oprimido, o corpo opressor, o corpo disciplinado, o corpo dominador, o corpo submisso, o corpo simbólico, profundamente marcado por diferentes dinâmicas históricas, suscita

2 Kenza Jernite, *La peinture sur la scène contemporaine: tableaux, matières, images chez Jan Fabre, Romeo Castellucci et Vincent Macaigne* (tese de doutoramento, École Normale Supérieure, 2020). Este trabalho académico deu origem ao livro Kenza Jernite, *La peinture sur scène, Dramaturgies plastiques contemporaines*, Paris, Classiques Garnier, 2022.

3 Yves Michaud, “Visualisations, le corps et les arts visuels”, em *Histoire du corps*, 3, *Les mutations du regard. Le XXe siècle*, dir. Jean-Jacques Courtine (Paris: Seuil, 2006), 445.

novas questões e discussões mais aprofundadas. Em cena, o corpo nu é transformado e “performado” (representado, apresentado...) como um corpo-território, ou seja, como um campo de luta e/ou reflexão contra toda a violência e toda a discriminação atual ou passada: “Os corpos são também textos por onde os diferentes regimes de poder inscreveram as suas prescrições. [...] Livros abertos, os corpos falam de opressão e revolta”⁴. E essa é outra das questões que nesta obra se persegue. É, pois, num contexto de efervescência ontológica e permanente mudança dos temas sobre a nudez no teatro e na *performance* que esta publicação se inscreve agora.

No entanto, se a(s) cena(s) atual(/ais) costuma(m) mostrar corpos nus, a tal ponto que isso às vezes parece constituir-se como um verdadeiro lugar-comum da *performance* contemporânea, esse fenómeno – com exceção da dança contemporânea – ainda não suscitou um estudo aprofundado e continuado. Esse foi justamente o ponto de partida, em 2017, do seminário de investigação transversal promovido pelo IRET (Institut de Recherche en Études Théâtrales da Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3), “O corpo nu – a nudez nas artes performativas” (2017-2020), na Maison de la Recherche da Sorbonne Nouvelle, coordenado por Pierre Letessier e Alexandra Moreira da Silva.

O objetivo desses encontros era, justamente, questionar a nudez dos corpos em cena, não limitando a reflexão ao período contemporâneo, mas abrindo-a para as práticas cénicas ao longo da história, conduzindo-a tanto do ponto de vista do espetáculo como dos seus possíveis materiais textuais. O que produz a contemplação desses corpos nus para o olhar do espectador? O que produz o aparecimento de um corpo nu no desenrolar do espetáculo/texto? Estas diferentes questões, colocadas a espetáculos de vários formatos e períodos, levaram a uma reflexão sobre o que uma abordagem trans-histórica pode trazer para o estudo do corpo nu nas artes cénicas e, em particular, sobre a forma como podemos pensar a nudez que vem a marcar de modo tão evidente a(s) cena(s) contemporânea(s). Durante este seminário, cada sessão contou com a intervenção de investigadores e artistas, sendo um dos objetivos primordiais destes encontros identificar ângulos de análise eficazes e inovadores sobre esta complexa questão.

Momento de destaque – e corolário – desses três anos de investigação foi o Colóquio Internacional organizado em junho de 2018, em Coimbra, numa parceria entre o IRET, o CET – Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de

4 Silvia Federici, *Par-delà les frontières du corps* (Paris: Editions Divergences, 2020), 77.

Letras da Universidade de Lisboa e o Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra (CEIS20). Aqui, regressou-se aos primeiros marcos desta investigação e aprofundou-se uma reflexão metacrítica e transversal que, longe de fazer um diagnóstico definitivo sobre a vasta questão da nudez nas artes performativas, abriu caminhos e questões (que tentaremos ampliar em momentos futuros, cruzando investigadores e artistas provenientes das academias francesa e portuguesa). As abordagens convocadas referem-se não só ao texto e à encenação, mas também às interações texto/cena/imagem, numa perspetiva multidisciplinar e trans-histórica.

Assim, os textos reunidos neste livro decorrem, maioritariamente, desse Colóquio Internacional realizado em Coimbra, no ano de 2018. Foram, contudo, entretanto, revistos, comentados, acrescentados – e alguns, a maioria, publicados num dossiê dedicado ao tema “La nudité dans les arts de la science”, na *Registres: Revue des études théâtrales* (n.º 23, 2022), coordenado por Alexandra Moreira da Silva e Pierre Letessier (com a colaboração de Rui Pina Coelho e Fernando Matos Oliveira). Ao conjunto de textos que “transitam” do colóquio e, depois, do dossiê publicado na revista *Registres* juntam-se outros textos que vêm agora ampliar e complementar o caleidoscópio de abordagens aqui patentes, reconfigurando, cremos, a narrativa discursiva sobre a questão em debate: o corpo nu.

Esta obra está organizada em três partes principais, nas quais se oferecem abordagens complementares, explorando diversos referentes históricos, dramáticos, fotográficos, performativos e teóricos. Na primeira parte – “Da epistemologia do corpo nu nas artes performativas: a pele pensada” – congregamos um conjunto díspar de abordagens epistemológicas sobre a presença do corpo nu nas artes performativas e a sua relação com o pensamento e a criação artística, com as ferramentas, predominantes, da estética, da filosofia e dos estudos de teatro e *performance*. Na segunda parte – “Do corpo nu nas práticas dramáticas: a pele lida” – descobrimos na história do espetáculo de teatro e na análise de textos dramáticos provindos da Antiguidade Clássica (Plauto) até à recente dramaturgia britânica (Tanika Gupta), passando pelo teatro francês dos séculos XIV e XV ou pelo inevitável Samuel Beckett, o território preciso para interpelar a nudez e escutar a sua reverberação nos imaginários textuais convocados. Na terceira – e última – parte, “Da nudez nas práticas cénicas: a pele vista”, olhamos para um leque diversificado de espetáculos (de teatro, dança, *performance*) através do estudo da memória, da análise da experiência espetatorial e de registos fotográficos de apresentações dos espetáculos.

Esta abordagem rapsódica e caleidoscópica será, muito seguramente, incompleta. Mas cremos que aqui ficam impressos estudos e reflexões que poderão inspirar e motivar outros caminhos e trajetos de investigação. Perante as diferentes visões e as aberturas que nesta obra se destapam, uma coisa parece ser certa: se o lugar do corpo e, sobretudo, a representação do corpo nu tende a mudar no teatro, é porque o corpo nu está em mudança desde sempre. No teatro e no mundo.